

Minha
Coleção Folha
Primeira
Biblioteca

O príncipe e o mendigo





O príncipe e o mendigo

Mark Twain



Adaptação: Silvia Oberg

Ilustrações: Tel Coelho

23
899.282

BIBLIOTECA
FATI
REG. 015604

Procedência compra
Livraria feira do livro
RS 18,00
NF nº 14/05/18



Vou contar uma história do mesmo jeito que me contou alguém que a ouviu de seu pai, que também a ouviu de seu pai e assim por diante, cada vez mais para trás, com os pais contando aos seus filhos sem deixar que fosse esquecida. Não sei se esta história aconteceu ou não, mas, com certeza, ela *poderia* ter acontecido.

Na antiga cidade de Londres, no ano de 1537, nasciam no mesmo dia **duas crianças** que teriam vidas muito diferentes.

Uma delas se chamou Tom Canty, nasceu em uma família pobre e não foi recebida com alegria. A outra criança se chamou Eduardo Tudor, nasceu em uma família rica e sua chegada foi muito festejada na Inglaterra, onde todos falavam do novo bebê, o príncipe de Gales. Tom cresceu em uma casa miserável em uma rua imunda de Londres, sendo maltratado por seu pai e obrigado a mendigar pela cidade. Eduardo cresceu em um palácio, cercado de luxo e mimado por seu pai, o rei Henrique VIII.

O que ninguém poderia imaginar é que duas crianças nascidas no mesmo dia, em famílias tão diferentes, iriam se encontrar e teriam seus destinos entrelaçados de modo tão surpreendente.

Vamos **pular** alguns anos.

No século 16, Londres é uma cidade grande, com mais de cem mil habitantes. Um menino corre por suas ruas escuras em algum lugar perto da

Ponte de Londres. Ele está descalço, veste roupas velhas, é bem magrinho e entra em uma casa miserável. É ali que vive Tom Canty com a mãe, o pai, a avó e duas irmãs. João Canty, pai de Tom, não trabalha e obriga as crianças a pedirem esmola, mesmo que esteja chovendo ou nevando. Às vezes, ninguém dá nem uma moedinha para Tom, e por isso ele apanha de seu pai e de sua avó ao voltar para casa. Apenas a mãe e as irmãs o tratam com carinho. O padre André, que mora ao lado da casa de Tom, também gosta dele e o ensina a ler, a escrever e até um pouco de latim. O padre lhe conta histórias maravilhosas, cheias de gigantes, fadas, gênios e castelos encantados com reis e príncipes. Ao se deitar para dormir, cansado e com fome, depois de ter levado uns tabefes do pai, Tom esquece sua vida tão dura e sonha com aquelas histórias, fazendo de conta que também é um príncipe.

Com o tempo, um **desejo** se tornou cada vez mais forte: Tom queria porque queria ver um príncipe de verdade com seus próprios olhos.

O menino adorava perambular pela cidade e, durante o verão, depois de conseguir alguns trocados para levar ao pai, nadava no rio Tâmis, brincava no barro e corria com os amigos. Um dia, Tom pegou um caminho diferente e foi dar em um lado da cidade que não conhecia. Encantado, ele admirava os palácios com lindos jardins, as casas altas, as ruas largas, as pessoas bem-vestidas, até dar de cara com um palácio enorme, mais bonito do que todos os outros: era o Castelo de Westminster. Será que o desejo de seu coração iria, finalmente, se realizar? Ali estava um palácio real. E com certeza, lá dentro, estava um príncipe de verdade, em carne e osso! Será que Tom iria vê-lo?

O pobre e esfarrapado Tom chegou perto dos portões do palácio e, quando olhou por entre as grades, deu um grito de alegria. Lá estava um menino com lindas roupas de seda e uma pequena espada presa à cintura. Assim que o viu, Tom teve certeza de que era um príncipe, um príncipe de verdade! Sem perceber, foi chegando cada vez mais perto até colar o rosto nas grades do portão. Foi quando um dos soldados o agarrou e jogou para longe.

Enquanto todos riam e zombavam dele, ouviu-se uma voz que gritou:

— Como ousa tratar assim este pobre garoto?!

Tom arregalou os olhos quando descobriu quem fazia aquela pergunta. Pois era aquele menino com espada na cintura, o jovem príncipe, que parecia furioso!

— Abram os portões e deixem o **menino** entrar! — gritava ele.





Os soldados abriram os portões. E Tom, o pequeno príncipe da Pobreza, entrou e cumprimentou Eduardo, o príncipe de Gales.

O príncipe levou Tom até uma das salas do palácio e pediu que trouxessem comida, porque seu “convidado” parecia cansado e com fome. Enquanto Tom comia, começaram a conversar.

— Como você se chama?

— Tom Canty, senhor. Eu moro com minha família em um quarto perto da Ponte de Londres.

— Em um quarto? — estranhou o príncipe.

— Somos muito pobres. Moro com meus pais, minhas duas irmãs e, infelizmente, com minha avó também.

— Não gosta da sua avó?

— Ela é que não gosta de ninguém, senhor. Vive me batendo.

— O quê? Sua avó bate em você? Vou mandar prendê-la! — disse o príncipe, irritado.

— Acho melhor não, alteza. Meu pai ficaria preocupado e acabaria sobrando para nós...

— Ele o trata bem?

— Como minha avó, meu senhor.

— Eu tenho duas irmãs, lady Mary e lady Elizabeth. E também uma prima, lady Jane Grey. Mas não conheço outros meninos. Você brinca com seus amigos? — perguntou o príncipe.

— Claro! — respondeu Tom. — Se não fosse a fome, meu bairro seria muito divertido. Nas ruas, temos teatro de marionetes e macacos amestrados. A gente luta uns com os outros e faz guerra de lama.

— Puxa vida! Acho que eu ia gostar disso... — disse o príncipe.

— A gente aposta corrida, nada no rio, grita e dá cambalhotas.

— Nossa! Eu daria meu reino para brincar assim pelo menos uma vez! Conte mais.

— A gente canta e dança, também fazemos torta de lama...

— Oh! Que delícia! Se eu pudesse...

O príncipe fez uma pausa, pensou uns minutinhos e, de repente, falou: — Tenho uma ideia! Vamos trocar nossas roupas. Você vai ser o **príncipe** e eu serei o **mendigo!**

Os dois meninos trocaram suas roupas e, pouco depois, o pequeno príncipe de Gales estava coberto com os trapos de Tom e o pequeno mendigo estava enfeitado com as roupas reais.

Quando ficaram de pé, na frente de um grande espelho, levaram um susto. Poderiam dizer que não tinha havido nenhuma troca! Eram muito **parecidos**: tinham o mesmo cabelo, os mesmos olhos, a mesma voz, o mesmo rosto e a mesma altura!

— Vou poder andar descalço, mergulhar na água e me sujar pelo menos uma vez na vida! Fique por aqui e aproveite um pouquinho para se divertir também, fazendo de conta que é príncipe — disse Eduardo.

— Não sei não, meu senhor, pode ser **perigoso** — falou Tom.

Mas o príncipe já tinha decidido. Pegou algumas coisas que estavam em cima da mesa, guardou uma delas, que parecia ser importante, e saiu correndo em seus trapos esvoaçantes.

Ao passar pelos portões, o soldado que antes tinha sido repreendido por maltratar Tom lhe deu um tabefe.

— Como se atreve? Eu sou o príncipe de Gales! O príncipe Eduardo de Gales! — gritou o príncipe, furioso. — Você vai ser enforcado por isto!

A multidão que ainda estava por ali caiu na risada, zombando daquele mendigo e dizendo:

— Abram caminho para o príncipe! Sua alteza real vai passar! Ah! Ah! Ah!

Assustado e perseguido pela multidão, o príncipe Eduardo correu o mais que pôde. Depois de um tempo, parou, olhou em volta e percebeu que estava perdido. Começou a andar sem rumo. Seus pés estavam machucados e ele tinha muita fome. Ao passar por uma igreja, reconheceu o lugar, transformado por seu pai, o rei Henrique VIII, em orfanato para crianças pobres.

Eduardo pensou com seus botões: “Ali eles vão acolher o filho do rei, que agora está tão pobre quanto estas crianças”.

E foi se juntar ao grupo de garotos que brincava de jogar bola e de pular carniça. Quando os meninos o viram, fizeram uma roda em volta dele, que disse:

— Preciso falar com seu superior. Digam que Eduardo, o príncipe de Gales, quer falar com ele.

É claro que nenhum dos garotos acreditou que aquele menino sujo e maltrapilho era o príncipe. E caíram na gargalhada.

— Vou mandar construir uma forca para vocês! — gritou o príncipe

Magoado e confuso, Eduardo continuou a andar, tentando encontrar o lugar onde Tom tinha dito que morava. Aos poucos, a noite chegou, as luzes se acenderam e uma chuva gelada começou a cair. Sem casa, o herdeiro do trono da Inglaterra perambulava pela cidade.

— A mãe e as irmãs de Tom são boas, elas vão me ajudar — pensava ele. Foi quando um brutamontes o agarrou pela camisa e disse:

— Até agora nas ruas! Garanto que não trouxe nem um tostão! Ah! Você vai se arrepender, ou não me chamo João Canty!

— Você é o pai *dele*? — perguntou o príncipe, assustado.

— Pai *dele*? Não sei do que você está falando! Sou *seu* pai, menino tonto!

— Não! Você está **enganado!** — gritou Eduardo. — Eu sou o príncipe. Sou o príncipe de Gales! Não estou mentindo! Me ajude!

O homem arregalou os olhos e sacudiu a cabeça, murmurando:

— Ficou doido! Está maluco...

E foi-se embora, arrastando Eduardo pelo braço.

Mas, e o outro menino — o mendigo Tom Canty —, por onde andaria? Ele ainda está na mesma sala onde foi deixado pelo príncipe. E aproveitou para olhar tudo. Primeiro, ficou na frente do espelho admirando suas novas roupas, tirando a espada da cintura para colocá-la novamente no lugar. Depois, sentou-se na confortável cadeira, pensando: “Se meus amigos me vissem agora... Será que vão acreditar em mim, quando eu contar o que aconteceu? Ou vão achar que é tudo minha imaginação...”

Mas, depois de algum tempo, Tom começou a ficar preocupado. E se alguém chegasse e o visse com aquelas roupas, sem que o príncipe estivesse por lá para explicar o que tinha acontecido? “Será que vão me **enforçar?**”, pensou Tom. Estava mergulhado nesses pensamentos quando a porta se abriu e um criado anunciou:

— Lady Jane Grey, sua alteza.

E que susto ele levou quando viu aparecer a risonha prima do príncipe! Tom mal conseguia respirar e se atirou de joelhos na frente dela, gaguejando:

— Por favor, me ajude! Não sou alteza coisa nenhuma, sou Tom Canty,



que mora lá em Offal Court. Por favor, chame o príncipe e ele vai devolver minhas roupas e me deixar ir embora. Me ajude!

— De joelhos, milorde?! Para mim?! — gritou a menina, antes de fugir dali, horrorizada.

A partir desse dia, começaram a correr **boatos** pelos corredores do palácio, cochichados nas nobres bocas de conselheiros, damas de companhia, lordes e ladies:

— O príncipe ficou louco, está com os parafusos soltos, o príncipe **destrambelhou...**

Os boatos chegaram até Henrique VIII. O rei quis ver seu filho. E o desventurado Tom foi levado: ele ia devagar, com olhar perdido, sem conseguir disfarçar que suas pernas tremiam. “E agora, o que vai ser de mim?”, pensava.

A porta se fechou atrás dele. À sua frente, viu um homenzarrão, de rosto enorme e expressão carrancuda, reclinado na cadeira, com um dos pés enfaixado apoiado em almofadas. Tom estava diante do temido rei Henrique VIII.

— O que aconteceu, meu filho? Está querendo preocupar seu pai, que o ama tanto, com uma brincadeira destas?

Ao ouvir essas palavras, Tom caiu de joelhos e disse:

— O senhor é o *rei*? Estou mesmo perdido! Piedade, senhor! Prometo explicar tudo!

— Ai de mim! Pensei que os boatos fossem exagerados — murmurou o rei. — Você não sabe quem sou?

— É o rei. Que Deus o proteja.

— Você já está melhor, o pesadelo passou, não é? Agora, me diga quem você é. Não vá errar seu nome, como me disseram que aconteceu antes.

— Eu não sou o príncipe Eduardo. Sou um mendigo. Houve um engano, senhor, mas sou muito jovem para morrer. Piedade, senhor!

Incrédulo, o rei falou:

— Não diga mais nada, meu filho. Você está entre amigos, não vai morrer. Tom sentiu grande alívio e, ainda tremendo, perguntou:

— Então, já posso ir embora?

— Mas para onde quer ir?

— Para minha casa, aquele casebre onde nasci e vivi até hoje com minha mãe e minhas irmãs. Por favor, me deixe ir embora!

O rei ficou calado e pensativo. Depois, tentou conversar com Tom em francês, mas ele não entendeu nada.

O rei, então, puxou Tom para junto dele, encarou todos os que estavam na sala e disse com voz decidida:

— Ouçam bem! Meu filho está perturbado por causa do excesso de estudos. Ele precisa praticar esportes e se distrair um pouco para se recuperar.

E, com um olhar fulminante, avisou:

— Prestem atenção, ele pode estar louco, mas não vai ficar assim para sempre. E, louco ou não, é o legítimo herdeiro do trono da Inglaterra! Estivesse mil vezes louco e ainda assim seria o príncipe de Gales! E um dia ele será rei! Ouçam bem: se alguém disser uma palavra sobre sua doença, será considerado inimigo do reino e imediatamente **enforcado!**

Preocupado, o rei avisou que, no dia seguinte, iria proclamar oficialmente seu filho como príncipe de Gales, de acordo com todos os protocolos reais.

A partir daquele momento, lorde Hertford e lorde St. John foram escolhidos para ajudar Tom em suas obrigações de príncipe. Eles disseram ao menino que sua “doença” deveria ser mantida em segredo absoluto até que ele ficasse curado. Mas a verdade é que lorde Hertford e lorde St. John matutavam, cada um com seus botões, sobre a estranha loucura do príncipe — que dizia não ser príncipe —, sem coragem de falar sobre isso em voz alta, pois tinham grande apreço por seus nobres pescoços e não queriam que eles fossem estropiados na forca. Existiriam naquele reino dois meninos que, mesmo não sendo parentes, pudessem ser tão parecidos? E mesmo que isso fosse possível, não seria inacreditável que pudessem ter se encontrado e trocado de lugar um com o outro?

Você, **caro leitor**, o que acha?

Naquela mesmo dia, Tom foi levado para jantar em um luxuoso salão, onde a mesa com pratos de ouro e taças de cristal estava preparada para uma única pessoa: ele.

Circulavam ali para ajudá-lo o capelão, o chefe dos mordomos, o chefe de cozinha, camareiros, conselheiros, provador de vinho, provador de comida, criados, guardas, lordes e outros nobres — todos treinados para não esquecer que o príncipe estava temporariamente desmiolado e que não deveriam demonstrar surpresa com seu comportamento.





Assim que Tom se sentou, quando já ia avançar sobre a comida, foi interrompido por alguém que lhe colocou um guardanapo no pescoço. Era o **guardanapeiro** do príncipe de Gales! Trabalho invejado por muitos, alto cargo hereditário em famílias nobres. O menino examinou o guardanapo com interesse e, por achar que aquele pano era muito bonito, disse:

— Por favor, tirem este paninho daqui porque vou acabar sujando ele todo.

E mergulhou os dedos na travessa de legumes e carne, sem nem mesmo esperar que o provador real, que deveria experimentar a comida antes dele para evitar que fosse envenenado, pudesse fazer seu trabalho.

Quando terminou a sobremesa, Tom encheu os bolsos com nozes. Foi a única coisa que fez sem ajuda de alguém e, na mesma hora, ficou em dúvida se esse comportamento era errado ou certo. Mas, como todos mantinham caras compenetradas, ele ficou sem saber. Foi quando sentiu uma coceira bem na ponta do nariz. Tom não tinha a menor ideia de como deveria agir nessa situação. Seu nariz coçava tanto! Desesperado, ele olhou para os lordes ao seu lado:

— Me ajudem, senhores! Meu nariz está **coçando!** O que se costuma fazer numa situação destas? Rápido! Não estou aguentando!

Ninguém riu. Todos estavam seriíssimos e olhavam uns para os outros muito aflitos. Pois, veja só, ninguém tinha a menor ideia de como resolver aquela embrulhada! Ninguém sabia o que fazer! Não existiria um cargo de coçador real?

Coitado do Tom! A coceira aumentava e pedia urgência **urgentíssima**. Até que, mesmo sem saber se estava ou não fazendo alguma coisa errada, ele levantou a mão e... coçou sozinho o seu próprio nariz. Com isso, deu fim ao desespero de seus ajudantes, que nunca tinham vivido uma situação tão delicada...

De volta ao seu quarto, Tom ficou examinando as peças de uma armadura de aço, que ficavam penduradas na parede. Até que se lembrou das nozes que tinha nos bolsos e começou a quebrá-las. Depois que comeu todas, sentou-se no sofá para ler.

Enquanto isso, o rei Henrique VIII acordou de um cochilo dizendo ter tido maus sonhos, que revelaram que seu fim estava próximo. Mandou chamar lorde Hertford.

— Sei que não tenho muito tempo de vida. Temos muito trabalho a fazer antes que eu morra. Vã buscar o grande **sinete** para que eu possa assinar minhas ordens.

— O sinete? Perdão, majestade, o senhor o tirou de mim há dois dias.

— Não me lembro do que fiz com ele... Estou doente e minha memória está fraca.

— Perdão, meu senhor, mas me lembro de que vossa majestade o deu a seu filho, o príncipe Eduardo, para que ele o guardasse.

— Sim, agora me lembro. Vã buscá-lo! Tenho pressa!

Lorde Hertford saiu da sala e voltou em alguns minutos:

— Majestade, vosso filho não se lembra de ter guardado o sinete. Ele diz que nem sabe o que é um sinete!

— Meu pobre filho... está mesmo doente. E nada é mais importante para o rei da Inglaterra do que o sinete real. Não sei o que vamos fazer.

O rei recostou-se no trono, fechou os olhos e calou-se. Quando abriu os olhos novamente e deu de cara com lorde Hertford, teve um acesso de fúria:

— Ainda está por aqui? Vã procurar o sinete! Vã! Antes que o seu chapéu fique vazio por falta de uma cabeça para usá-lo!

E o pobre homem chispou dali como um raio.

Mas onde andaria o verdadeiro príncipe? Tínhamos deixado Eduardo nas garras de João Canty, que o arrastava à força para casa. Uma gente barulhenta acompanhava a cena e zombava do menino. O príncipe se debatia e tentava se livrar das mãos que o seguravam, até que Canty perdeu a paciência e levantou a bengala para bater nele. Foi quando um homem pulou e segurou o seu braço. Canty desceu a bengala na cabeça do intrometido, que caiu no chão com um **gemido**.

Sem se preocupar, João Canty seguiu para casa, arrastando seu “filho”. Ao chegar, chamou a família e pediu para que o menino dissesse o seu nome.

— É um grande atrevimento falar assim comigo! Mas repito: sou Eduardo, príncipe de Gales!

A resposta deixou todos sem fala. A mãe de Tom começou a chorar, achando que seu filho estava louco.



— Não se preocupe, senhora — disse o príncipe. — Seu filho Tom está bem de saúde. Está no palácio e é só me levarem até lá e, na mesma hora, o rei, meu pai, devolverá seu filho.

A pobre mãe percebeu que aquele menino parecia um pouco diferente de seu filho, mas ficou calada.

De repente, bateram na porta e avisaram:

— O homem que você agrediu morreu! Você matou o padre André!

Por causa desse crime, a família toda teve que fugir. Combinaram que Canty e o menino seguiriam por um caminho e os outros por outro. E que, mais tarde, todos se encontrariam na Ponte de Londres.

Canty se foi, puxando Eduardo pelo braço. Acabaram encontrando uma multidão que cantava, dançava e gritava nas margens do rio Tâmis. Fogos de artifício estouravam e havia fogueiras acesas em todo lugar.

— O que está acontecendo? — perguntou Canty a um homem.

— Você não sabe? O príncipe vai passar por aqui. Vão anunciar que ele é o herdeiro oficial do trono!

Eduardo logo entendeu que Tom, o falso príncipe de Gales, estava sendo homenageado. Ele, o verdadeiro príncipe, não tinha mais tempo a perder — precisava escapar de Canty e ir até a prefeitura para se identificar e **denunciar** o impostor. E quando João Canty se distraiu e largou o seu braço para virar mais um copo de cerveja, Eduardo não pensou duas vezes — saiu correndo e se perdeu na multidão.

No barco real, junto de uma grande comitiva, Tom olhava deslumbrado o espetáculo feito em sua homenagem. Ao chegar à prefeitura, foi levado a um lindo salão, onde a festa continuaria.

Enquanto Tom se divertia com danças, música e comida, do lado de fora, junto dos portões, o verdadeiro príncipe de Gales exigia que o deixassem entrar para desmascarar o impostor. O povo zombava do menino maltrapilho, que dizia ser o verdadeiro herdeiro do rei.

— Se você é ou não o príncipe de Gales, tanto faz. Mas, com certeza, é muito corajoso! Sou Miles Hendon, pode contar com a minha **amizade**, menino.

Essas palavras foram ditas por um rapaz alto e forte que, apesar de vestir roupas gastas, parecia educado. A multidão, agora, avançava e zombava dos

dois. Miles protegeu Eduardo com sua espada e deu um jeito de saírem dali. Mesmo assim, puderam ouvir quando um mensageiro real tocou uma corneta para anunciar solenemente:

— O rei está **morto!** Henrique VIII acabou de morrer!

O silêncio foi imediato. Por instantes, o povo ficou aturdido mas, minutos depois, as pessoas se ajoelharam, olharam para o edifício onde estava Tom, o falso príncipe, e começaram a gritar:

— Viva o rei! Viva o rei Eduardo VI!

A notícia da morte de seu pai gelou o coração de Eduardo. Ele se sentia abandonado e tinha vontade de chorar. Com pena do garoto, Miles o levou até seu quarto, em uma hospedaria na Ponte de Londres. Nem bem tinham chegado, ouviram uma voz gritar:

— Até que enfim você apareceu! Desta vez não me escapa!

Era Canty, que estava por ali, no lugar marcado para reencontrar a família.

— Ele é meu filho! — berrou ele.

— É mentira! — disse Eduardo.

— Não tem mais conversa. O menino fica aqui! É melhor você ir dando o fora! — falou Miles.

Acuado, Canty foi embora resmungando.

O quarto de Miles era pobre e tinha apenas uma cama, onde o príncipe se deitou para descansar.

— Por favor, me chame quando a mesa estiver posta — pediu ele.

Surpreso, Miles pensou: “Que menino estranho. Tomou posse da minha cama sem nem pedir licença, pensa que é o príncipe. Acho que a cabeça dele ficou avariada por causa dos maus-tratos. Mas, vou **ajudá-lo**”.

Depois de comerem, começaram a conversar e Miles contou ao “louquinho” que morava em Kent e que seu pai era um homem rico.

— Minha mãe morreu e tenho dois irmãos. O mais velho se chama Artur e é bondoso como meu pai, mas Hugo, o mais novo, é traiçoeiro e ambicioso. Ele queria ficar com toda a herança de meu pai e também estava interessado na fortuna de minha prima Edith.

— Continue — pediu Eduardo.

— Edith e eu nos apaixonamos. Hugo conseguiu colocar meu pai contra mim e, como castigo, ele exigiu que eu servisse o exército real. Lutei pelo



meu país e agora, sete anos depois, estou de volta. Quero saber o que aconteceu com todos lá em casa durante esse tempo.

Emocionado com o relato de Miles Hendon, Eduardo despejou a história do que havia acontecido com ele nos ouvidos de seu assombrado amigo, que pensava: “Coitado, é mesmo doido. Agora, que Henrique VIII morreu, pensa que é rei. Puxa, que imaginação ele tem!”.

E assim, Tom e Eduardo, meninos tão diferentes e ao mesmo tempo tão parecidos, viveram muitas aventuras e enfrentaram desafios e dificuldades.

No castelo, o mendigo Tom dormiu príncipe e, com a morte de Henrique VIII, acordou rei da Inglaterra. No começo, a preocupação com o príncipe desaparecido o atormentava diariamente. Mas, com o tempo, essa lembrança começou a ficar cada vez mais distante. Tom passou a gostar de sua vida no palácio: conversar com lady Elizabeth e lady Jane Grey, comer do bom e do melhor, dormir bem... Mas o que o deixava mais satisfeito era o poder de mudar algumas leis e sentenças de morte e, assim, **salvar** pessoas, como a mãe e a filha acusadas de terem vendido a alma ao diabo para conseguir poderes sobrenaturais, como o de provocar tempestades ao tirarem as meias. O senso de justiça e as palavras inteligentes e generosas de Tom provocavam a admiração de todos, que repetiam:

— O rei não está mais louco, ele se curou! Deus o abençoe.

Por outro lado, o príncipe enfrentou perigos como qualquer **menino pobre** que andasse pelas ruas de Londres naquele tempo: fugiu e foi recapturado por João Canty, foi obrigado a viajar com desocupados, embrenhou-se em florestas, enfrentou os delírios de um eremita e caiu numa armadilha que quase o fez ser condenado à forca, não fosse a ajuda de Miles Hendon, que o salvou mais uma vez. Juntos, eles viajaram para a casa de Miles, que queria rever seu pai. Lá, Miles descobriu que seu pai e seu irmão Artur tinham morrido e que Hugo, seu ambicioso irmão caçula, tinha se casado com Edith. Acusado de impostor por Hugo, Miles acabou preso, juntamente com o príncipe. Depois de libertados, os amigos voltaram a Londres, onde as festas para o dia da coroação do rei estavam começando. Em meio à confusão de gente, Miles e Eduardo se perderam um do outro. O verdadeiro rei, fa-





minto e sujo, viu quando o cortejo real se aproximou. Montado num cavalo, Tom seguia à frente e acenava ao povo.

Nesse instante, uma pobre mulher gritou:

— É meu filho! É o meu menino!

Apesar de reconhecer sua mãe, Tom não pôde parar e seguiu, de cabeça baixa e coração apertado, para a catedral onde seria coroado. À medida que a cerimônia continuava, o peso em seu coração aumentava.

Quando o arcebispo ergueu a coroa para colocá-la na cabeça do rei, um garoto descalço, vestido com trapos, gritou:

— Eu sou o **rei!**

Na mesma hora, muitas mãos caíram sobre o menino, mas Tom deu um passo à frente e disse, com voz firme:

— É **verdade!** Ele é o verdadeiro rei Eduardo VI!

O assombro foi ainda maior quando os nobres perceberam a incrível semelhança entre eles. Seria possível?!

Lorde Hertford resolveu fazer uma prova:

— Posso lhe fazer algumas perguntas? — perguntou a Eduardo.

— Sem dúvida — respondeu ele.

Hertford perguntou sobre a corte, o rei, as princesas, a vida no castelo e, para espanto de todos, o menino respondeu sem piscar. Mas ainda havia uma última questão, que esclareceria qualquer dúvida: onde está o grande sinete, usado pelo rei para assinar suas ordens?

O menino respondeu em detalhes, explicando que estava em seu quarto, escondido em uma gaveta falsa, na qual guardava seus objetos pessoais.

St. John correu ao quarto do príncipe e, ao voltar, disse que tinha encontrado o esconderijo, mas que o sinete não estava lá.

Foi um rebuliço!

— Procurou bem? — perguntou Hertford. — Sabe como é o sinete?

Ao ouvir essas palavras, o rosto de Tom brilhou de alegria!

— Ah! Agora sei como é o sinete! — disse ele.

Virou-se para Eduardo e falou:

— Não se lembra, majestade? Quando trocamos de roupa, escondeu esse objeto.

Eduardo VI forçava sua memória, mas não conseguia se lembrar.

— Pense mais um pouco — disse Tom para animá-lo.

Depois de uns minutos, o rosto de Eduardo se iluminou:

— Já sei! Coloquei o sinete na **armadura** pendurada na parede!

E quando lorde St. John voltou com o sinete, centenas de pessoas deram vivas ao rei. Tom tirou sua capa real e a colocou sobre os ombros do garoto esfarrapado: o rei Eduardo VI.

— Meu amigo, como conseguiu se lembrar de onde estava o sinete? — perguntou Eduardo a Tom.

— Ah! — respondeu Tom, encabulado. — Eu não sabia o que era e o usei muitas vezes.

— E para que o usava?

Muito vermelho, Tom confessou:

— Para quebrar nozes.

Por pouco, o rei e o mendigo não foram soterrados pelas **gargalhadas!** Londres parecia vir abaixo sob gritos e vivas.

E agora, leitor, vamos dar uma espiadinha no que aconteceu depois?

Miles Hendon quase caiu de costas quando soube o que tinha acontecido. Ele conseguiu recuperar sua herança e, com a morte de Hugo, se casou com sua amada Edith. Tom Canty foi morar com a mãe e as irmãs. Ele recebeu do rei o mais alto cargo da diretoria do orfanato da cidade e trabalhou pelas crianças até o fim da vida. Miles e Tom foram sempre os melhores amigos de Eduardo VI, que reinou com sabedoria e bondade, sem nunca se esquecer do que viu e aprendeu pelas ruas de Londres. Infelizmente, ele morreu jovem e seu reinado foi curto, mas lembrado por todos como um período de **justiça e bondade** naqueles tempos sombrios.



Desde pequena, vivo cercada de livros. Sempre tive histórias e escritores preferidos: contos de fadas, *Robinson Crusóe*, *Alice no País das Maravilhas*, *Viagens de Gulliver*, Monteiro Lobato, Malba Tahan e muitos outros. *O príncipe e o mendigo* é um dos livros de que mais gosto. Acho muito legal a ideia da troca de lugar, que faz um príncipe de verdade ir viver como um menino pobre e um menino pobre viver como príncipe em um castelo – cada um experimentando outra vida, como acontece nesta história.

Estou sempre às voltas com palavras. Me formei em Letras, fiz doutorado na Universidade de São Paulo e tenho um trabalho muito legal: ler, escrever, inventar, pensar e conversar sobre leitura e literatura para crianças e jovens.

Silvia Oberig, a autora

O príncipe e o mendigo é uma história na qual com certeza você vai se aventurar, um livro que mostra como duas crianças tão parecidas e tão diferentes podem ser amigas. Assim como Eduardo e Tom, também tive amigos na infância que me marcaram a vida, em especial minha irmã. Talvez por eu ser o único filho homem, ela foi minha companheira nas grandes aventuras de criança.

Eu continuo me aventurando, só que hoje no mundo mágico da ilustração, onde já publiquei em livros e revistas no mercado nacional e internacional.

Jel Coelho, o ilustrador